

Cap. Jorge das Neves Larcher

Monografia de fão



3
Principal
Antura



Cap. JORGE DAS NEVES LARCHER

(Do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia)

//

MONOGRAFIA DE FÃO

PROPRIEDADE LITERÁRIA DO
«GRUPO DOS AMIGOS DE FÃO»



DEPOSITÁRIA:

TIPOGRAFIA E PAPELARIA CÁVADO
ESPOSENDE



MONOGRAFIA DE FÃO

A Biblioteca Municipal
Mauel Bravençens, de Capela

ouve esta Monografia
de Fão, que pertence a
esfileto cultural levado por
João Bravães, e seu
doprinho

[Handwritten signature]
Maio de 97

TRABALHOS DO MESMO AUTOR

- O Sofrimento — (*esgotado*)
Livro sôbre a Instrução Militar Preparatória — (*esgotado*)
O Subalterno de Administração Militar em Campanha — (*esgotado*)
A Instrução e a Educação — (*esgotado*)
A Cartilha Patriótica — (*esgotado*)
Retalhos — (*esgotado*)
Monumentos de Portugal — Alcoça e Batalha — 2.^o edição
(*esgotado*)
Folheto sobre a organização dos Arquivos do Ministério da
Guerra — (*esgotado*)
Mosteiro da Batalha, o Templo da Pátria — *Edição dos Padrões
da Grande Guerra*
Em prol dos Castelos de Portugal
Castelos de Portugal — 1.^o Vol. — *Distrito de Leiria*
Castelos de Portugal — 2.^o Vol. — *Distrito de Coimbra*

TESES

- Influência da Mulher na extinção da Mendicidade — *Aprovada no
1.^o Congresso Feminino de Educação*
A Caixa Escolar dos Combatentes — *Aprovada no 1.^o Congresso
dos Combatentes da Grande Guerra*
Memória histórica sôbre o abastecimento de água a Lisboa até
ao reinado de D. João V.



Cap. JORGE DAS NEVES LARCHER

(Do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia)

Cap. JORGE DAS NEVES LARCHER

(Do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia)

//

MONOGRAFIA DE FÃO

PROPRIEDADE LITERÁRIA DO
«GRUPO DOS AMIGOS DE FÃO»



1948

DEPOSITÁRIA:
TIPOGRAFIA E PAPELARIA CÁVADO
ESPOSENDE





Deseja o GRUPO DOS AMIGOS DE FÃO manifestar por esta singela forma vários sentimentos carinhosos e gratos, ao ser publicada a presente MONOGRAFIA que o seu Ilustre Autor affectuosamente elaborou e ofereceu para ficar a pertencer ao já numeroso conjunto de exemplares que constitue a sua Biblioteca.

Ao diligente director de «O Cívico», o bom amigo João Amândio, apresenta os seus cordeais agradecimentos pela publicação deste volumezinho, desveladamente organizado e único no seu directo objectivo de cultura e divulgação, que marcará na literatura regional etnográfica invulgar, inédita posição de relevo e ficará como ponto de partida apreciável para maiores cometimentos similares, revelando, mais uma vez, a inteligente compreensão educativa com que este nosso Amigo encara a sua elevada e construtiva missão de Jornalista.

Ao distinto e laureado artista António Carlos Esteves, que tão valiosamente colaborou neste empreendimento com o seu magnífico retrato, expressamos a nossa admiração reconhecida pelo seu trabalho, revelador de um excelso temperamento artistico que não perde qualquer oportunidade para prestar comovido culto e de reproduzir primorosamente as belezas da Terra de seus antepassados e dos seus mais enternecedores encantos.

Também queremos, neste momento, endereçar o nosso sentido agradecimento a outro distinto jornalista, o director de «O Barcelense», Rogério Calás de Carvalho, alma enamorada pelas graças formosas de Fão e seu Concelho, espirito sempre àlerta para generosamente exaltar, valorisar e divulgar apaixonadamente tudo o que se relaciona com a sua linda Cidade, o seu tão fértil Distrito e a sua inconfundível Provincia.

Foi em «O Barcelense» que, pela primeira vez, esta MONOGRAFIA foi publicada em simpático e atraente folhetim e, tal acontecimento, não podia viver esquecido levemente.

Fica-nos, por fim, ao GRUPO DOS AMIGOS DE FÃO, a saudade que não esmorece e a gratidão que honradamente não diminue com a infinda ausência do Amigo querido, do Companheiro adorável, do Con-sócio exemplar, do afadigoso Propagandista, o nosso inesquecido Sócio Fundador e de Honra, cap. Forge das Neves Larcher — nem nas horas altas de exaltação festiva, nem nos pesados dias de acabrunhamento ofensivo ou de esquecimento malsão de estranhos ou menos amigos.

Que todos muito bem-hajam, são os sinceros, affectuosos e seguros votos cordeais do

Grupo dos Amigos de Fão

FÃO — A sua antiguidade e seus monumentos

É terra de tradições históricas, querendo alguns autores que fosse aqui a cidade romana de «Águas Celenas», se bem que não tenhamos elementos seguros para corroborar tal afirmação.

Em remotas épocas, parte da povoação foi submergida pela areia, e ainda não há muitos anos foram encontrados, quando da abertura de alguns poços e ao escavarem-se os alicerces das Escolas Amorim Campos, vestígios evidentes de uma antiga povoação.

Em Fão principiava uma das vias romanas que iam a Braga.

Também alguns autores dão como reunido aqui, no ano de 402, um concílio celebrado pelo bispo de Braga, D. Paterno, contra os priscilianistas.

Teve antigamente marinhas de sal e D. Afonso Henriques deu o dizimo delas aos Frades do Convento de N. S. da Atalaia, estendendo-se estas salinas de Fão até à freguesia das Marinhas, que a elas deve o seu nome.

É de tradição que a antiga Igreja Matriz foi arrazada pela areia, sendo mais tarde desenterrada e sofrendo profundas reformas em 1874.

Anteriormente, servia de Matriz a Capela do Senhor Bom-Jesus, à roda da qual a imaginação ingénua e fantasiosa deste bom Povo teceu a lenda que vou narrar:

— Diz o Povo que a Imagem do Senhor Bom-Jesus, bem como a do Senhor-da-Cruz, de Barcelos, e a do Senhor-de-Matozinhos, foram lançadas ao mar, na Itália, para as livrarem da fúria dos iconoclastas, que perseguiram o culto das imagens.

Consta que a Imagem do Senhor Bom-Jesus foi encontrada sem um braço, à beira do rio, por uma pobre mulher que andava aos «gravetos» ou «gravalha», para o lume.

Mais tarde foi achado, noutra local, por outra mulher, o braço que faltava. Ao deitá-lo no lume, verificou-se que o braço era incom-bustível, saltava da lareira todas as vezes que tentavam queimá-lo.

Nesse mesmo local, onde foi achada a Imagem, se levantou em sua honra, uma pequena ermida e, mais tarde, a actual Capela. (*Fig. 1*)

*

* *

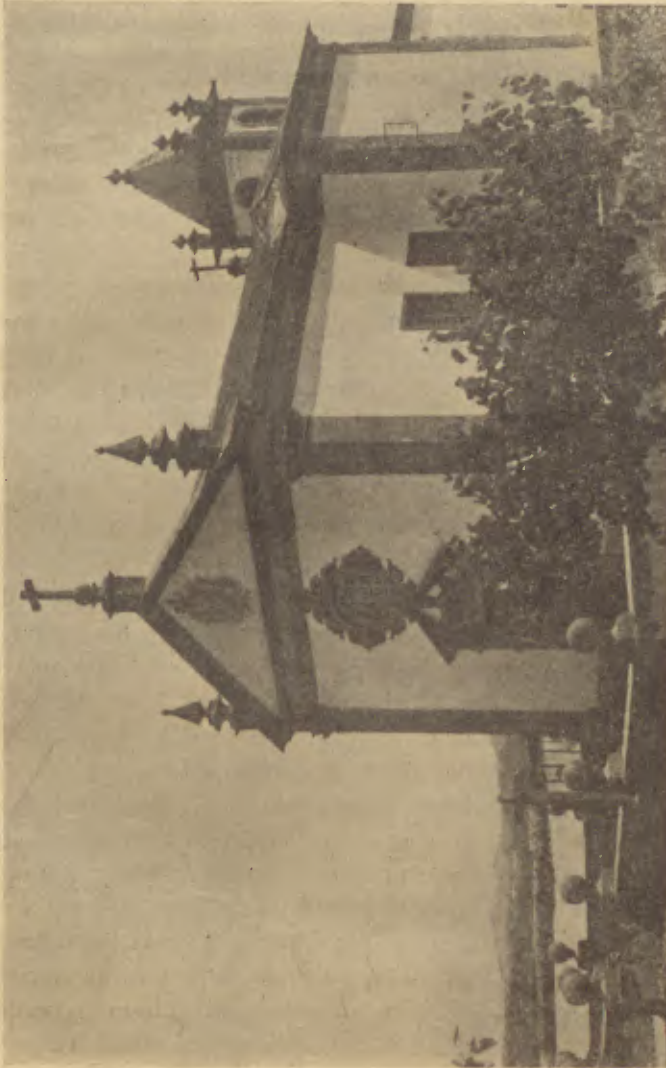
É Fão servido por um Porto-de-Mar natural, constituído por duas linhas de recifes rochosos, cujos principais afloramentos se destacam perfeitamente na baixa-mar e, muitas vezes, em preia-mar.

Um dos maiores, o chamado Cavallo, só em marés equinociais é coberto pelo mar e o outro, a Pena, nas preias-mar de águas-vivas. Os restantes (Cavalinho, Moínho de Guião e Revés) ficam a descoberto em preias-mar de águas-mortas.

A ponta sul da restinga, conhecida pela Queixada, que fica mais de largo, só se descobre a meia maré de águas-mortas, enquanto a ponta da outra restinga, a Cernelha, que fica mais perto da terra, só a vemos coberta em maré-cheia das mesmas águas.

O conjunto daquelas duas linhas de recifes constitue, na opinião de um técnico ilustre, um abrigo natural entre as quais existem fundos de 8 a 10 metros (referidos ao máximo baixa-mar de águas vivas), ou seja um verdadeiro ancoradouro, mesmo para os navios de alto-bordo.

O nome de Cavallos-de-Fão provém da silhueta que os rochedos apresentam à distância, na baixa-mar. Mas, também, a este nome se prende uma lenda que a tradição se encarregou de trazer até nossos dias.



Capela do Senhor Bom-Jesus de Fão

(Fig. 1)

— Conta-se que o nome de Cavalos-de-Fão foi dado em memória do naufrágio de uma embarcação carregada com um presente de cavalos, que ali morreram, mandado pelo rei Ofir, quarto neto de Noé, ao seu compadre Fão.

Parece que este porto teve certa importância no tempo dos cartagineses e dos romanos. Nele teriam desembarcado os soldados romanos que vieram auxiliar a conquista de Braga, no tempo do imperador Augusto.

É ainda hoje, nestes recifes rochosos, situados em frente de Fão, que está a esperança de melhores dias para esta laboriosa povoação, pois o aproveitamento destes penhascos para um porto de abrigo seria a realização de uma das mais velhas e justas aspirações desta terra.

Ouçamos a opinião autorizada do Eng.^o João Carlos Alves, ilustre Director do Porto de Lisboa, e ela bastará para termos confiança e fé no dia de amanhã, aguardando a hora da justiça.

Diz o ilustre Engenheiro:

«De todos os portos ao norte de Leixões, o único que pode oferecer abrigo seguro para os navios de guerra, o que muito pode interessar à defesa marítima da Costa Norte do País, é o ancoradouro dos Cavalos-de-Fão (*Fig. 2*), mórmente para os barcos de pesca que frequentam esta parte da Costa (Viana, Vila do Conde, Esposende, Póvoa de Varzim e Leixões.)

«Obras de pouca monta, tais como uma competente balizagem e 2 ou 3 farolins completariam o refúgio para embarcações acoçadas pelos temporais e dariam ensejo a que se salvassem muitas vidas, principalmente pescadores, as eternas vítimas dos mares tempestuosos a que é atreita a Costa Portuguesa.

«Um estudo dos «Cavalos-de-Fão» forneceria certamente elementos para se elaborar um modesto ante-projecto do porto de refúgio, por agora limitado a barcos de pesca, enquanto não fosse conhecido melhor o seu regime e a sua adaptação a ancoradouro de abrigo para navios de alto bordo, quer mercantes quer de guerra.»



Rochedos denominados «Cavalecs-de-Fão», vistos na beixe-mar

(Fig. 2)

Mas, além desta valiosa opinião, não queremos deixar de relembrar a bela entrevista que o distinto oficial da nossa Marinha de Guerra, Sr. Almeida Lima, concedeu em Setembro de 1913 ao jornal «O Século», e da qual transcrevemos o seguinte período, referente aos Cavalos-de-Fão:

«Em 1908, quando lá estive com os torpedeiros, tive ocasião de contornar com eles todas as pedras e verificar a beleza deste porto, tanto para abrigo como para comércio, se nele completarmos a obra da Natureza. Se eu, um dia, comandando um navio, corresse perigo próximo de Leixões, não procuraria este porto, mas sim os Cavalos-de-Fão, mesmo na situação em que presentemente se encontram.»

A única monografia que conhecemos sobre Fão tem por título, «Elementos para a História de Fam», coleccionados pelo Padre Jerónimo Gonçalves Chaves, o «Chaves Coupon».

Esta pequena monografia tem apenas 40 páginas e foi editada em 1924. O Padre Chaves foi um dos mais devotados defensores da construção do porto de Fão, tendo publicado alguns opúsculos, por vezes enérgicos, advogando com grande entusiasmo a realização deste melhoramento.

Do seu trabalho, transcrevemos o capítulo seguinte:

«PORTO DOS CAVALOS

«Antes de se construir o porto de abrigo de Leixões, uma comissão de engenheiros encarregada pelo Governo indigitou os Cavalos-de-Fão para excelente porto de abrigo, em substituição do de Leixões. Mas a cidade do Porto, que não faz o mínimo reparo em sacrificar os interesses do Norte ao seu amor próprio, fez questão política do porto de abrigo em Leixões, para infelicidade nossa.

«O porto dos Cavalos ficaria com duas barras: uma no sudoeste, outra, no noroeste, à feição dos mais terríveis vendavais e com a profundidade de 9 a 15 braças. O molhe de sudoeste seria levantado sobre a pedra dos Cavalos e da Queixada, e o molhe norte sobre a pedra da Cernelha, enraizado no cabedelo.

«O ilustre engenheiro hidrógrafo Manuel Afonso Espregueira, que fazia parte da Comissão, afirmou a um seu amigo e correligionário político que, dos Cavalos de Fão, podia fazer-se um dos melhores portos conhecidos.

«Em 1908 estive nos Cavalos de Fão, com três torpedeiros, em exercício, o intemerato capitão de mar e guerra, Sr. Almeida Lima. Sua Ex.^a, numa entrevista com «O Século», de 18 de Setembro de 1913, fez rasgados elogios aos Cavalos de Fão, tanto para porto de abrigo, como de comércio. Em 13 de Maio de 1923, o ilustre Ministro do Comércio, Sr. Dr. Queirós Vaz Guedes, visitou os Cavalos de Fão, levando daqui as melhores impressões, prometendo mandar estudar pelos seus Engenheiros o futuro porto de abrigo. Mas, infelizmente, a sua passagem foi curta no Ministério.

«O título de Cavalos-de-Fão vem das suas pedras, na baixamar de águas-vivas, apresentarem a configuração de cavalos, miradas a certa distância, do norte para sul.

«Para mais detalhados conhecimentos, remetemos os caros leitores para os opúsculos «O Nosso Protesto» e para a «Tese dos Cavalos-de-Fão», a ventilar-se no Congresso do Minho, adiado *sine-die*.

«Finalmente, na praia, em frente aos Cavalos-de-Fão, existiu a casa do salva-vidas — Gabarrão — construída em 1864 pelo mestre pedreiro Manuel Francisco Ramos, natural de Fão, pela quantia de 200\$000 reis.

«Em nossos dias, o escorso das marés vivas invadia esta casa, de que hoje restam apenas os alicerces. Neste ponto, a duna tem avançado para o mar uns quinze metros.

«Nós atribuímos este avanço às areias que vêm da barra,

por terra da Cernelha, e que o mar, por sua vez, vai aglomerando contra a duna ou fieiro. O que é incontestável é que o rio tem comido ao fieiro mais de cem metros, em nossos dias. O rio acha-se assoreado cerca de 10 metros, como se verificou na perfuração dos pègões da ponte.

«Em conclusão: não falta quem afirme que o rio Cávado, captadas as águas em Barcelos, se presta a uma importante queda de água. De facto, este rio, de Barcelos para baixo, desliza entre dois montes até ao Marachão, no concelho de Esposende.

«Segundo informações a que procedemos, esta queda dá no Marachão a altitude de 35 metros. E' empreendimento para se estudar.» (1)

Em face destes depoimentos, porque não havemos de aguardar cheios de confiança o futuro? E, feita esta obra de largo alcance económico, os benefícios desta importante realização far-se-ão sentir em toda esta região.

(1) Este mesmo sacerdote publicou em 1925, sob o pseudónimo de Padre Liberato, um outro pequeno livro a que deu o título de «Instruções Sociais», pouco vulgarizado, no qual descreve duas curas quase milagrosas que fez.

Vem a propósito e a título de curiosidade reproduzir alguns períodos deste seu trabalho, que a este caso se referem, visto que o Padre Liberato, a que o ilustre escritor Antero de Figueiredo se refere no seu livro *A Senhora do Amparo*, é o Padre Gonçalves Chaves, de Fão.

Diz o Padre Liberato, à páginas 80 do seu livro, que relatou duas das suas curas ao escritor Antero de Figueiredo, numa entrevista, antes de principiar o seu livro *A Senhora do Amparo* :

«Sua Ex.^a houve por bem não lhes dar publicidade, talvez porque as julgasse fantásticas, receando cair no ridículo. Receio que eu não tenho, pois que são a nitida expressão da verdade; e, apesar de serem decorridos bastantes anos, estou pronto a comprová-las e justificá-las.

A propósito, e sem o menor melindre para o exímio escritor, declaro que não é bem a expressão da verdade o facto da Malhada e de minha Mãe me pedirem para me ordenar.

Sua Ex.^a figurou-me no seu livro com o sobrenome de Padre Liberato. Sobrenome que não me desagradou; e, tanto assim, que o perfilho, pela primeira vez, neste desprezencioso trabalho.»

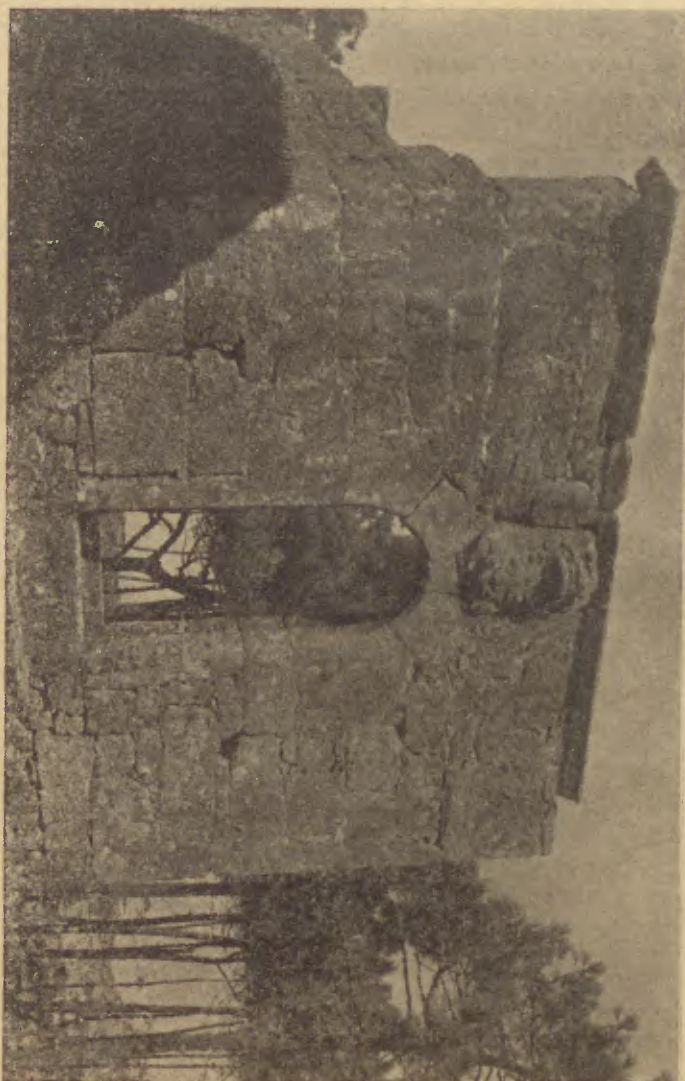
Apesar da sua antiguidade, como monumentos de algum interesse, só existem em Fão as igrejas do Bom Jesus, Misericórdia, Matriz e capela da Senhora da Lapa, das mais antigas, algumas com preciosas alfaias, mas de modesta arquitectura.

Perto do mar e junto à tradicional capelinha de Nossa Senhora da Bonança, ficam as ruínas de uma edificação conhecida pelo Facho, tendo sobre a porta da entrada as armas de D. João V. (*Fig. 3*)

De facto, é muito possível que, neste local, existisse um facho para prevenir os mareantes da aproximação da terra ou, como aviso, aos povos, para se acautelarem e prepararem para se defenderem dos piratas que infestavam as nossas costas.

Na praia, em frente dos Cavalos, foram encontradas algumas moedas romanas, que hoje estão em poder de Famílias de Banhistas.





Ruínas de uma edificação conhecida pelo «Facho»

(Fig. 3)

FÃO e suas indústrias

Nas margens do rio Cávado, próximo à grande e linda ponte que liga Fão a Esposende (*Fig. 4*), existiram os primeiros e muito importantes estaleiros navais do País, para a construção dos diferentes tipos de barcos de cabotagem e do alto.

Era praxe, quando o barco, depois de construído, entrava na água, no «bota-abaixo», o seu proprietário oferecer aos amigos um «bota-fora», opíparo jantar confeccionado pela melhor cozinheira da freguesia. Aos operários, que tinham trabalhado na construção do barco, era distribuído vinho, pão, figos, castanhas, etc.

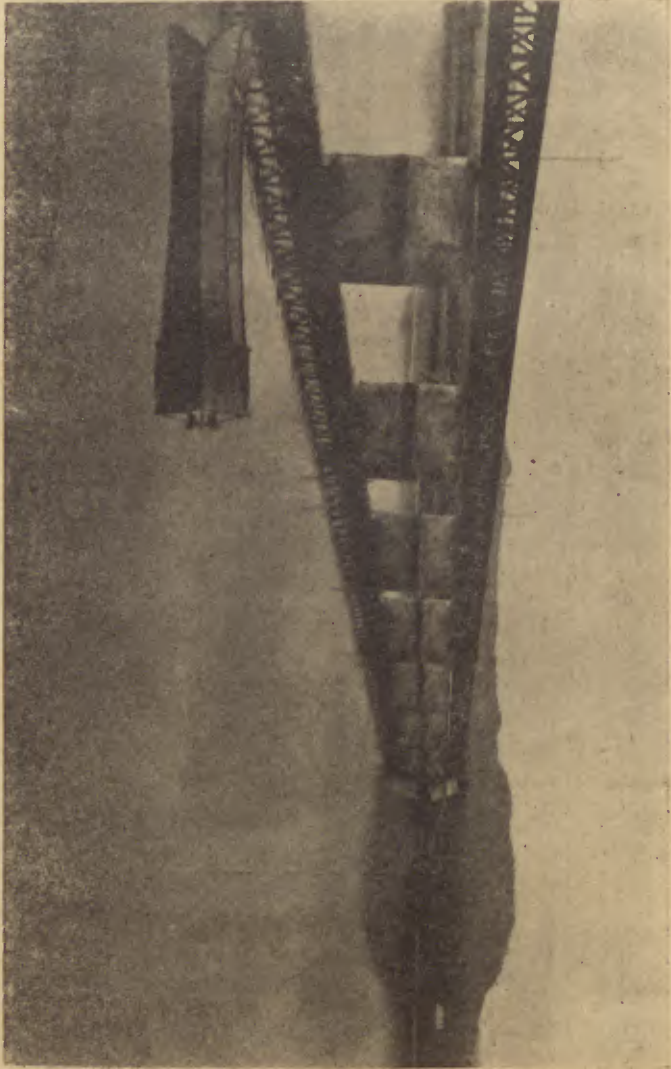
Outra indústria, de grande importância, a cal. A pedra era recebida da Figueira, por via marítima ou terrestre; aqui era cozida em fornos apropriados, de que existem alguns exemplares em bom estado, e depois fornecida para diferentes pontos do País.

O fabrico das cordas, que tomou grande desenvolvimento, hoje está decadente, pois os poucos cordoeiros que existem não podem concorrer com os modernos processos industriais.

A aparelhagem e os utensílios para o fabrico das cordas e fio, dos quais apresentamos alguns exemplares, são de simples e modesta construção, com uma nomenclatura deveras curiosa.

As principais matérias-primas empregadas são o linho e o sisal que, depois de cardados e sedados com um pente de madeira, com dentes de ferro ou aço, designado por «sedeiro» ou «restelo», seguem para a fiação.





Ponte sobre o Rio Cávado

(Fig. 4)

Nesta operação (*Fig. 5*), são utilizadas a «roda» e a «cruzeta», tendo esta 4 «muretas» que giram em eixos que têm o nome de «mugetes».

As cruzetas são numeradas de 1 a 7:

- n.º 1 — é aplicada para fazer as linhas de pesca;*
- n.º 2 — para fazer fio e cordel;*
- n.º 3 — cordas de carro;*
- n.º 4 — coxar as talhas (dá-se este nome à corda que se prende à extremidade da rede);*
- n.º 5 — cordas finas;*
- n.º 6 — cordas de carro;*
- n.º 7 — cordas para minas.*

A roda é ligada à «cruzeta» e esta, por sua vez, fixa-se ao terreno por meio de uma corda, «garrote». O fio que está sendo tecido descansa numa espécie de gadanha, «alça», com vários dentes, «cavilhões».

Os «cipotes», instrumentos destinados à coxa, são de várias dimensões, conforme a qualidade da corda ou do fio; servem para juntar os fios que compõem a corda. Os «ferretes», também empregados na coxa, têm a forma de um gancho, sendo os maiores de ferro e os mais pequenos de folha.

Para as cordas grossas, «cabos», é utilizado um «banco», que tem como peças principais o «trabuco» e a «barreta».

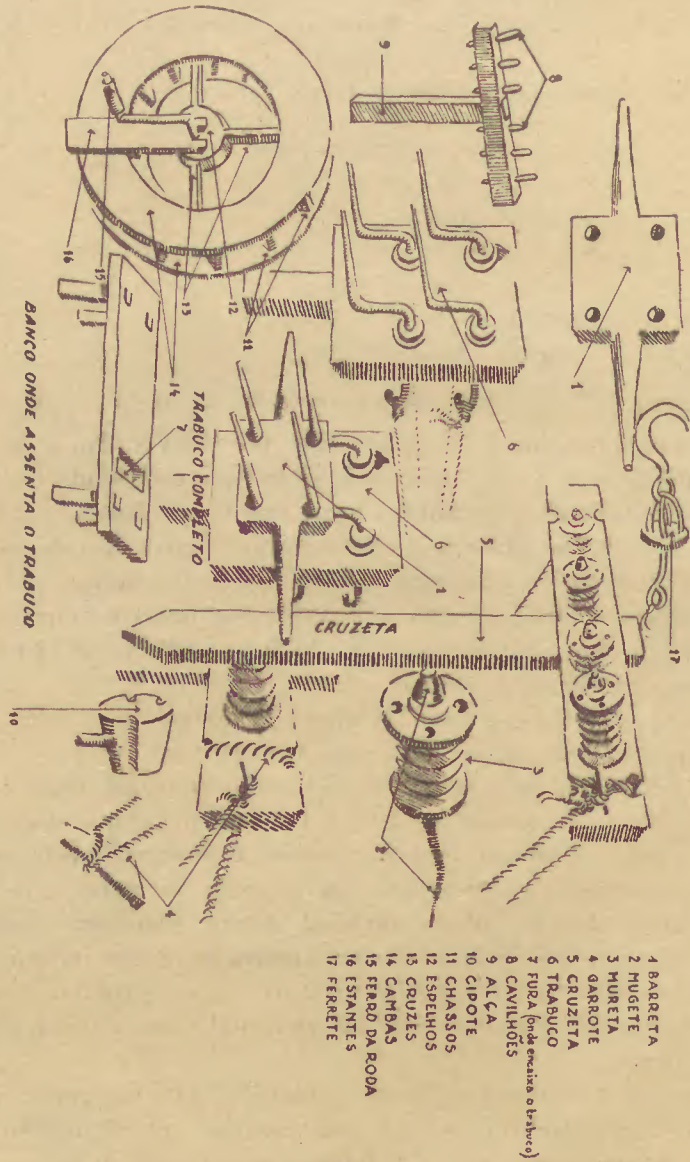
Para brunir as cordas, em molhado, empregam uma vassoura feita de cairo; para brunir em seco, é utilizado um pequeno cabo, também de cairo; qualquer destes utensílios é conhecido pelo «segão».

Como disse, os progressos da indústria mecânica e os preços sempre crescentes do linho e do sisal, dentro dum curto período de tempo, acabarão por aniquilar esta primitiva e curiosa indústria local.

Hoje, a indústria mais desenvolvida é a da serração de madeira, havendo duas fábricas com aparelhagens modernas, a pouca distância uma da outra.

A apanha do sargaço e do caranguejo é feita por grande número de pessoas, especialmente pelos lavradores, pois é um riquíssimo adubo, muito empregado nesta região de terras essencialmente arenosas.

Quadro sinoptico da aparelhagem para o fabrico de cordas



(Fig. 5)

FÃO — Etnografia

Não só em Fão, como em quâse todas as povoações vizinhas, ainda se conservam certas usanças de tempos antigos, de interessante feição regionalista, e pena é que muitas delas só vivam hoje na tradição do povo.

A etnografia tem um vasto campo de estudo em toda esta adorável província do Minho, e, aqui mesmo, neste pequeno recanto de Portugal, podemos colher algumas curiosas notas etnográficas, que constituirão um subsídio para uma mais desenvolvida monografia desta freguesia.

CASAMENTOS

Era costume os noivos, quando iam tratar dos documentos precisos para o realizar, oferecerem ao Prior uma rêsca de pão-de-ló e um queijo a tapar o buraco da rêsca.

Pobre ou rica, a noiva vai quase sempre vestida de branco e de véu. Se não tem dinheiro para adquirir o vestido, pede-o emprestado.

Quando os viúvos casam, é hábito fazer a novena, que consiste, dias antes do casamento, homens e rapazes, com buzinas, chocalhos e campainhas, passarem, repetidas vezes, em grande algazarra, pela porta do viúvo, até à ante-véspera do casamento.

CERIMÓNIAS ANTES E DEPOIS DO ENTERRO

Quando falecia qualquer pessoa, apresentavam-se em casa do dorido as cozinheiras próprias da freguesia a oferecer os seus serviços; elas preparam a comida, sempre constituída por peixe, que era oferecida às pessoas das aldeias distantes, à medida que iam chegando.

No dia do funeral e após o regresso do cemitério, a todos os assistentes era oferecido na residência do falecido um jantar sempre composto de carne, servido pelos doridos mais próximos, sendo hábito o viúvo usar um lenço de qualquer côr atado à cabeça e o capote pelas costas; sendo viúva, esta punha a saia pela cabeça.

Findo o jantar, o dorido mais próximo rezava um responso, que todos os assistentes acompanhavam.

Quando havia officios, era servido, na residência do Prior ou na sacristia, um pequeno almoço a cada padre. Aos que por qualquer razão não recebiam dirtheiro pelos seus serviços, era oferecida uma «colacção», que constava, em geral, de queijo, uma garrafa de vinho fino e doces.

OBRADAS

É esta a designação dada à cerimónia que se segue à missa do 7.º dia. O Prior, finda a missa, inicia a reza dos responsos, que são pagos pelos assistentes. Por cada responso é deitada para uma bandeja ou faça, colocada perto do Prior, a oferta, hoje nunca inferior a \$50; os responsos vão sendo rezados à medida que as ofertas vão caindo na bandeja.

Logo que o assistente à missa pagou a oferta, ajoelha e recebe uma vela acesa que conserva na mão, só a passando a outro assistente depois deste colocar na bandeja a nova oferta.

Noutros tempos era costume, após esta cerimónia, as pessoas que a ela haviam assistido, acompanhar os doridos à sua residência, onde lhes era oferecida aguardente e café.

Durante a reza dos responsos, o dorido toma nota de todas as pessoas que os mandaram rezar, para retribuir de igual forma.

DANÇAS

Apesar das danças modernas e dalgumas pobres manifestações artísticas importadas do estrangeiro, já terem invadido as nossas aldeias, ainda hoje se dança, especialmente nas romarias, o *vira*, o *malhão*, a *chula*, a *caninha verde*, danças populares tão graciosas e movimentadas e de tão delicada feição artística que seria de lastimar-se deixássemos perder tão alegres e interessantes manifestações da nossa arte popular.

JANEIRAS

Também em Fão, nas vésperas do Natal e do fim do ano, grupos de rapazes, com o fim de receberem qualquer donativo em dinheiro ou em géneros, tocam e cantam as «Janeiras», em frente das residências mais abastadas, com versos alusivos às pessoas da casa (*Fig. 6*).

Eis alguns dos curiosos versos:

*Viva o senhor Francisco
E a sua companheira;
Venha-nos abrir a porta
Pra tomar a borracheira.*

*Amanhã, senhora Albina,
É dia de ouvir missa;
Venha-nos abrir a porta,
Queremos pão com chouriça.*

(Fig. 6)

Vi - vaó me - ni - no Quin - zi - nho ca - sa -
 dê mui - ta ci - ên - cia p'ra se -
 - qui - nha de ve lu - do Deus the
 - quir os seus es - - tu - dos.

*Esta casa é tão alta,
 Toda cheia de azulejo,
 O senhor que mora nela
 É um grande brasileiro.*

*Viva a menina Maria,
 Raminho de salsa crua,
 Quando se põe à janela,
 Alumia toda a rua.*

*Viva a senhora Amália
 Com os seus lindos aneis;
 Para nós irmos contentes,
 Venha dar-nos os pasteis.*

*Viva a senhora Rosália
 Com os seus lindos brinquinhos;
 Para nós irmos contentes,
 Venha dar-nos pastelinhos.*

TRAJOS

É na província do Minho e no distrito de Viana do Castelo onde encontramos uma maior variedade de interessantes e belos trajos regionais. Todo o País conhece o «trajo à lavradeira», vulgarmente

conhecido por «trajo à moda do Minho ou Vianesa», tão cheio de elegância e de graça e, felizmente, ainda hoje usado pelas moças em dias de festa.

Em Fão tendem a desaparecer os interessantes trajos característicos, usados nas aldeias (fig. 7). Os trajos das mulheres do campo eram por elas tecidos com linho e lã de ovelha, pano a que davam o nome de *tenilha*; o corpete era de *duraque*, a camisa de linho caseiro e o lenço, de merino, de ramagens de côr viva. O homem usava calças de *tenilha*, camisola de lã de ovelha e chapéu de cotim, todo pespontado.



(Fig. 7) Trajos regionais

Muito curiosos são os trajos dos sargarceiros (fig. 8). O homem veste um casaco comprido, que vai até ao meio da côxa, com cinto de coiro. A este casaco dá-se o nome de *branqueta* e, na cabeça, o *sueste*, chapéu de oleado pintado de qualquer côr, com as iniciais do seu proprietário.

O trajo da sargaceira, conhecido pelo *fato de mar*, é composto de casaco, saia, faixa à cintura e, na cabeça, um lenço de qualquer côr escura e um chapéu de aba larga. O tecido destes trajos tem o nome de *branqueta branca*.

A sargaceira, que vemos na figura 8, tem às costas uma *gaiteira*, também conhecida por *graveta*, quando não tem os dentes superiores; o sargaceiro transporta o *rodafole*.

PROCISSÕES

Quando se realizam procissões de maior esplendor, é costume adornar o chão, por onde a procissão passa, com flores e arbustos, formando um «tapete» ou «passadeira». Cada grupo de habitantes da

freguesia toma conta de determinado lanço de rua, em frente das suas habitações, caprichando em ornamentá-lo com gosto e arte.

Quando na procissão vai o andor de S. Luís, Rei de França, as mulheres, que têm filhos tardios em falar, vão com eles ao colo, sob o andor deste santo e, de vez em quando, dão com a cabeça da criança no fundo do andor, dizendo alto: — «S. Luís, Rei de França, dai fala a esta criança.»



Sargaceiros (Fig. 8)

PALAVRAS E TERMOS USADOS EM FÃO

Além dos já apontados no decorrer deste trabalho, mais alguns vamos citar, por ordem alfabética, com o significado correspondente:

Afunça cá — atira cá.

Bica — pão de trigo, bicudo

nos dois extremos.

Branqueta ou *sargaceira* —

casaca comprida usada pelos sargaceiros e banheiros.

Carrela — espécie de padiola utilizada pelos pescadores.

Catraia — jangada para a pesca do polvo.

Congosta — designação dada às travessas e becós.

Gaiteira — espécie de ancinho utilizado na apanha do sargaço.

Gás — petróleo.

Graveta — designação dada à «gaiteira», quando tem dentes na parte superior.

Lumes prontos ou *caixa de lumes* — fósforos actuais.

Lumes de espera-galego — fósforos de enxofre, antigos.

Malga — tigela para o vinho ou para o caldo.

Ó... Ó... Ó... diá... — emprega-se antes de uma frase exclamativa ou interrogativa como, por exemplo: «Ó Ó Ó diá, então ele caiu?»

Pilado — designação dada ao caranguejo, muito utilizado para adubar as terras arenosas.

Quarteirão — equivale a 1/4 de quartilho, muito usado para líquidos.

Rodafole — utensílio feito com rede, para a apanha do sargaço.

Sueste — chapéu em forma de capacete, usado pelos banheiros e sargaceiros.

Tôna — casca.

Vamos às quintas — expressão que significa: vamos à lenha.

A propósito desta expressão, é costume ensinar às crianças, indicando os dedos, a começar pelo mínimo:

*Este, foi às quintas,
Este, foi esperá-lo,
Este, achou um ovo,
Este, papon-o todo.*

ALCUNHAS

Em geral, é muito usada a alcunha nesta povoação; limitando-nos a citar algumas, na impossibilidade de as enumerar todas:

Panquinhas, Mânica, Mexilhão, Cantador, Sineira, Manuel Faraó, José Suga, António Cego, Cónega, Pirrão, Pantomina, João Cuão, Samaritana, Careta, Manuel-à-Pum, Fôga, etc.

O *Panquinhas* era o tipo mais popular de Fão, velho sapateiro de adiantada idade, com muito espírito e muito estimado pela Colónia Balnear; esteve internado no Asilo de Fão.

Aos habitantes de Fão é dada a designação de fangeiros.





Barco de pesca fangaueiro

(Fig. 9)

FÃO — Pesca no Mar e no Rio

A indústria piscatória teve grande desenvolvimento, sendo uma das mais importantes do norte do País. O peixe pescado era transportado em carros de bois e em muares para Braga e daqui seguia para Vila Real e Chaves.

Hoje, esta indústria atravessa uma grande crise; a classe marítima é pobre, lutando com grandes dificuldades e até, às vezes, com a falta de utensílios e aprestos indispensáveis para a sua faina.

O barco é pequeno. (*Fig. 9*)

Todos eles têm o seu nome de baptismo; uns, o do Santo ou Santa da devoção do seu proprietário; outros, o nome do dono ou de pessoa de sua família e, ainda outros, o de terras de além-mar, como recordação da passagem do proprietário por essas paragens.

Em alguns, a falta de respeito pelas regras ortográficas torna de difícil compreensão a sua leitura, como, por exemplo: «Avem, tu-reime», por Aventurei-me.

O pescador fangaueiro pesca no mar e no rio. Para marcar os pontos onde vai pescar, tem regras certas. Todos os pescadores conhecem os pontos perigosos de que se devem desviar, como o Longo, o Longo do Sul, o Longo do Noroeste, o Baixo do Castro, os Moreios, o Baixo da Meia Carreira, o Rabuçado, o Roncador, o Iró, o Forcadinho, e o da Foz.

Os principais peixes e mariscos pescados no mar são: arola, camarão, faneca, lagosta, mexilhão, peixão, robalo, linguado, pescada e tainha. No rio: barbo, escalo, enguia, lampreia, panxorca, sável, sôlha e truta.

ISCOS

Os mais empregados na pesca, são:

Grilo, para a truta;

Lesma branca, para a truta e enguia;

Minhocas, para todo o peixe;

Mosca, para o escalo;

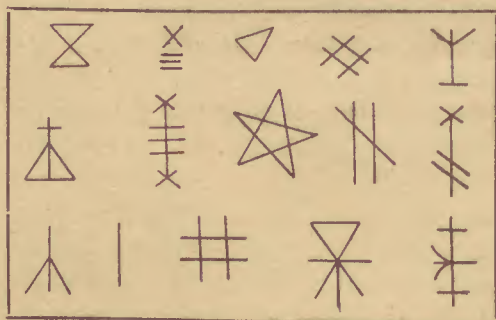
Panxorca, o melhor isco. É um pequeno peixe que não atinge mais de 5 cm. de comprimento;

Sarradela, para o robalo.

MARCAS DE PEIXE

Para distinguir o peixe das diferentes redes, fazem-lhes várias marcas, como, por exemplo: um pequeno corte na ponta do rabo; dois piques ou dois golpes; um golpe na cabeça. Na pescada, um golpe na cabeça, na badana ou no rabo; outras vezes, uma estrela.

MARCAS DOS PESCADORES



Marcas fangueiras

Fig. 10

Em Fão só tinha marca quem tinha rede de pesca. Em geral, passava do pai para o filho mais velho; outras vezes, para o mais novo.

Não tinha regras perfeitamente definidas.

A marca era a sua assinatura, como se fôsse

o seu braço; estava gravada em todos os seus aprestos e utensílios.

Os pòveiros ainda hoje conservam o uso das suas marcas, devidamente organizadas, que vão ficando por herança de pais para filhos e só podem ser usadas pelos herdeiros (1).

Na capela de N. S. da Bonança, muito da devoção dos pescadores desta região, lá estão gravadas na porta inúmeras marcas dos pescadores pòveiros, assinalando a sua visita a esta Capela.

Em tempos, foi por nós encontrado um interessante e valioso documento etnográfico, uma antiga porta desta capela, repleta de marcas pòveiras, e que o seu actual proprietário se prontificou, a nosso pedido, cedê-la, em troca de uma porta nova de qualquer madeira!... (Fig. 11).



Marcas pòveiras gravadas na antiga porta da Capela

(Fig. 11)

(1) O distinto etnógrafo A. Santos Graça, no seu livro, *O Pòveiro*, faz um desenvolvido estudo das marcas e da sua interpretação.



Perinho do mar, entre o pinhal, e Capela de N. S. da Bonança

(Fig. 12)

REDES E APARELHOS DE PESCA

Em tempos passados, era costume cada barco levar uma rede da Capela do Senhor do Bom Jesus. O peixe de cada rede era vendido e o produto destinado à festa deste Santo.

Uma mulher tinha a seu cargo o conserto e lavagem das redes.

São vários os tipos de rede empregados no mar e no rio, sendo a mais usada a *albitana*, rede de três panos; um, de malha miúda ao meio, e um, de malha larga, de cada lado. Esta rede é própria para o peixe malhar, como dizem os pescadores.

O peixe dá uma trombada na rede miúda, impelindo-a para a da malha larga, formando assim um saco onde o peixe fica preso.

Rede de barguear; rede grande, em geral com 100 metros de comprimento.

Mete-se no barco, ficando em terra uma corda que está ligada a uma das extremidades da rede. O barco começa a navegar, formando um semi-círculo, trazendo para terra a corda que está presa à outra extremidade. Puxam-se as cordas ao mesmo tempo e a rede arrasta o peixe para a praia. Esta rede serve para todo o peixe, conforme as dimensões da malha e pode ser empregada no rio e no mar.

Rede chumbeira ou tarrafa; esta rede é lançada por um só homem e, quando cai na água, abre-se como um guarda-sol. Pesca peixe miúdo e só se utiliza no rio.

Rede fungueira; rede de mão, para o mar, só usada em Fão, em virtude na natureza arenosa do fundo do mar, livre de penedia. Tem 17 braças de comprimento e 3,5 metros aproximadamente de altura, tendo o lado inferior bocados de chumbo e, na parte superior, cortiça. Serve para todo o peixe.

Naças; para a pesca das enguias. Dimensões variáveis. Esta rede fica presa dentro de uma armação de madeira.

Rede de sável; é semelhante à rede de barguear, mas de comprimento variável, tendo a malha mais larga, aproximadamente, 4 cm. e só serve para o sável.

Rede das sôlhas; conhecida em Fão e Esposende pela *rede de buxo*. Como a anterior, só se emprega no rio e para a pesca da sôlha.

As dimensões desta rede são, em geral, de comprimento, 18 metros e, de fundo, 4 metros, aproximadamente. É formada de 2 panos, sendo fechada nas extremidades e leva chumbo na parte inferior, para a obrigar a arrastar, e cortiça na parte superior, para a conservar afastada do fundo, ficando, depois de fechada, um saco, cuja abertura é de 50 cm.

Rede de lampreia; também denominada *Lampreeira* é formada por estacaria e os tremalhos da rede têm 17 braças cada um. É colocada, em geral, em estacaria firme, em toda a largura do rio, formando um ângulo com a abertura para a foz. Ao vértice deste ângulo chama-se *fojo*. O número de tremalhos da rede depende da largura do rio.

Há ainda a *rede bosca*, para a pesca da lagosta; a *rede rasca*, que serve para todo o peixe; a *rede de camarão*, etc.

Além das redes, também se pesca à *linha* e com a *fisga*, que consiste num pau, tendo na extremidade uma espécie de ancinho, cujos dentes têm a forma de lança, com uma ou duas barbelas.

São também empregados na pesca o *bicheiro*, que é um pau com anzol na ponta, para a pesca no mar de peixe graúdo, e o *bicheiro* pequeno, conhecido pela *zagaia*, para a pesca da lampreia e, finalmente, o *espinhel*, que é uma corda de dimensões variáveis, que se estende no rio, à qual se prendem, de braça em braça, cordeis resistentes, a que se dá o nome de *estrôvos*, tendo cada um, na extremidade, um anzol. Serve para as enguias, barbos, sôlhas, trutas e robalos.

As redes e utensílios de pesca são arrecadados em pequenas casas abarracadas situadas em frente ao mar. (Fig. 13).





Redes e utensílios de pesca estendidos nas dunas

(Fig. 13)



Caminho da Bonança

(Fig. 14)

FÃO — As suas belezas

DIVERSÕES, DESPORTOS E PASSEIOS

Linda terra da abençoada e sempre bela província do Minho! Quase ignorada nas outras províncias, esquecida pelas Entidades oficiais, esta importante Freguesia está atravessando uma terrível crise, a que urge acudir, abrindo-se-lhe novos horizontes para que este Povo, bom e trabalhador, possa viver.

Devido ao esforço e à propaganda bem orientada do «Grupo dos Amigos de Fão», alguns melhoramentos se realizaram nesta Freguesia e o número de Banhistas cresce de ano para ano.

E não admira que a afluência a esta praia vá aumentando porque, de facto, ela é uma das mais lindas do Norte de Portugal. (Fig. 15).

Mercê da sua situação e dos encantos com que a natureza a dotou, ela poderá ter um largo futuro, se não lhe faltar o indispensável auxílio oficial.

Para a realçar, para a tornar bela, não precisa de outras vestes; bastam-lhe aquelas que a Natureza tão pródigoamente lhe ofertou.

De uma banda de Fão, uma extensa praia que o mar beija e onde as vagas, todas de espuma e leveza, parece quererem brincar com as crianças, desfazendo-se-lhes a seus pés.

Da outra banda, o formoso Cávado, oferecendo à nossa contemplação as suas luxuriantes margens e proporcionando-nos agradáveis passeios e alegres pescarias.

Dão-nos acesso ao mar duas estradas, uma em linha recta, que encurta a distância à praia, apenas com 900 metros; a outra, dá a volta pela Senhora-da-Bonança (*fig. 14*) e, atravessando os pinheirais, vai ligar-se à primeira, perto da praia.

Nada falta neste aprazível recanto minhoto; mar, rio e a sombra amiga dos vastos pinheirais, e, a par de tudo isto, uma bela temperatura e uma boa camaradagem, são e agradável, entre os Banhistas, contribuindo todo este conjunto para que Fão seja, como de facto é, uma deliciosa estação de repouso.

Fão está à altitude de 10 m., e fica à distância de 2,300 km. da Vila de Esposende; a 17,5 km. da histórica cidade de Barcelos; a 25 km. de Viana-do-Castelo; a 4,2 km. da praia da Apúlia, pela beira-mar, sua visinha; a 7,2 da praia de S. Bartolomeu-do-Mar. A 16,1 km. fica a Póvoa-do-Varzim, uma das mais frequentadas praias do Norte de Portugal.

Os desportos dos banhistas são: o ring, volley-ball, ciclismo, natação e canotagem.

Há dedicados amadores da pesca, tanto no mar como no rio, constituindo um interessante e belo atractivo a pesca nocturna no rio, especialmente em noites luarentas. Alguns cidadãos ingleses, residentes no Porto, aqui vêm, amiudadas vezes, à pesca no mar.

O «Grupo dos Amigos de Fão» tem promovido concursos anuais de pesca no rio.

Promovido pelo mesmo Grupo, todos os anos se realizam festas desportivas, que constam de corridas de bicicletas Fão-Esposende-Fão; corridas de agulhas, gravatas, ovos, animais, sacos, três pernas e uma movimentada ginkana de bicicletas, havendo à noite, no Club, a distribuição dos prémios.

Fão tem todas as condições para se fazer camping. Grupos de rapazes do Porto e de Barcelos aqui se instalam para esse fim, em diferentes períodos da estação calmosa.



Préia - de - Fão (Lugar do Fecho)

(Fig. 15)

Na época da caça, numerosos caçadores aqui vêm em busca das espécies da sua predilecção: lebre, coelho, codorniz e rôla, havendo entre os Banhistas distintos amadores deste desporto.

Todos os anos se realizam interessantes passeios de camionete, barco e bicicleta.

No primeiro domingo de Agosto tem lugar na visinha povoação «Barca do Lago», (*fig. 16*) a tradicional festa anual, que ali atrai numerosos forasteiros desta região, que para ali se transportam, geralmente, pela via fluvial.

Em frente da «Barca do Lago», no «lago» que o rio ali faz, concentram-se numerosas e variadas embarcações, na sua maioria engalanadas, vogando em todas as direcções repletas de romeiros, tocando e cantando alegremente, formando assim um conjunto pitoresco e festivo.

Mas os passeios até à «Barca do Lago» e ao «Marachão» são muito apreciados pelos Banhistas de Fão, que ali vão muitas vezes à pesca e para merendar naqueles aprazíveis e lindos locais, à sombra das ramarias dos salgueiros ou dos pinheiros que ali abundam.

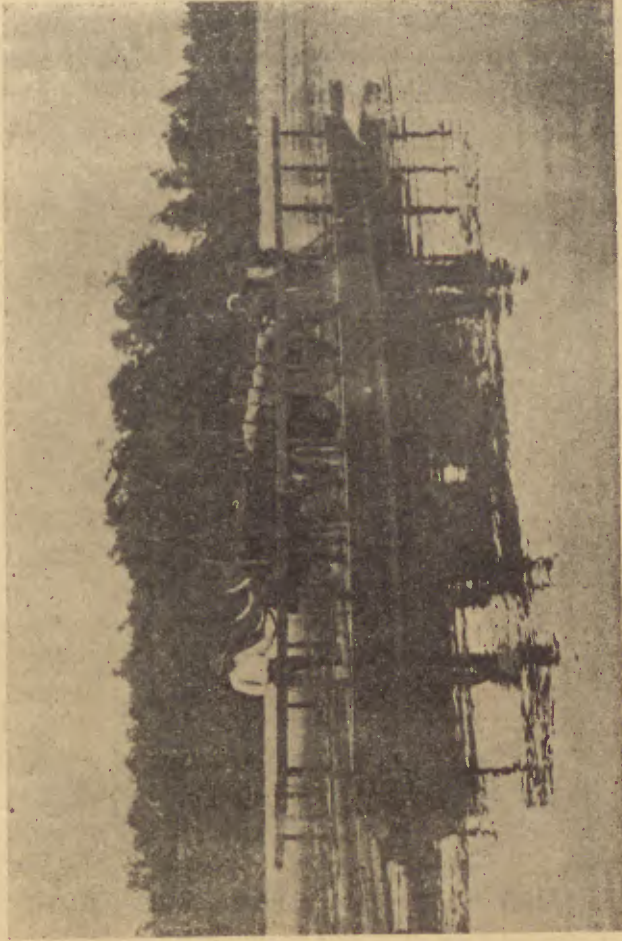
Outras vezes, os Banhistas novos e velhos, constituem um grupo e vão de bicicleta, em passeio, até às praias próximas. (*Fig. 17*).

No dia 24 de Agosto, realiza-se a festa de S. Bartolomeu, e a maioria dos Banhistas de Fão, fretam uma ou duas camionetas que os conduzam até àquela praia e passam o dia nesta pequena mas interessante povoação de «Mar», assistindo desde manhã a esta tradicional e curiosa festa minhota.

A praia toma uma animação extraordinária, pois tem grande fama o «banho-santo» deste dia, havendo especialmente grande aglomeração de crianças, porque a virtude deste banho é a de lhes tirar o medo.

Mas, para isso, é indispensável que a criança dê três mergulhos e ofereça um pinto a S. Bartolomeu. Noutros tempos era obrigatório que o pinto fosse preto.

À tarde tem lugar a procissão e nela tomam parte 12 rapazes da freguesia com a indumentária apropriada, representando os 12 apóstolos.



A «Barce do Lago», que Silva Porto desconheçera . . .

(Fig. 16)

As festas da Agonia, em Viana, as de Esposende e a importante feira semanal de Barcelos, são pretextos para que os Banhistas se agrupem para um passeio até à praia da Póvoa do Varzim, especialmente em dias de toirada, ou de festa no Casino.

Outros interessantes passeios se têm realizado até aos próximos montes de «S. Lourenço», «Faro», «Arnelas», «Franqueira», «Facho» e «Laundos», e ao «Castelo do Neiva», donde se disfrutam encantadores e vastos panoramas.

Várias carreiras de camioneta, ligam Fão a Esposende, a Viana, Barcelos, Póvoa e Vila do Conde, permitindo uma visita demorada a qualquer destas terras, todas elas muito interessantes e dignas de visita, e com bons hotéis e pensões.

Em Fão alugam-se casas mobiladas a preços muito acessíveis e há duas pensões onde se podem instalar algumas dezenas de pessoas.

Tem Club, Café, Biblioteca e Corporação de Bombeiros, Correio, Telégrafo, Telefone, e trabalha-se na organização dum pequeno Museu etnográfico.

Na culinária, a especialidade de Fão é o arroz de frango, e a lampreia na época própria. Na doçaria, a sua principal especialidade são os deliciosos e saborosos pasteis «Clarinhas de Fão», recheados de doce de «xila», as «Cavacas de Fão», «Os melindres» e a Rôsea de pão negro», mas, este bolo, já hoje se não fabrica.

Os «Clarinhas» são muito apreciados e têm larga venda, não só em Fão, como em Esposende e Porto.

Podemos, pois, afirmar que Fão reúne os indispensáveis requisitos para se tornar a melhor praia do Norte, se lhe fôr prestado o necessário auxílio de que carece e se aproveitarem com inteligência os belos recursos naturais de que dispõe.

**Calendário das festividades religiosas
e romarias a que os Banhistas de Fão
mais concorrem**

SENHOR BOM JESUS DE FÃO — Domingo e 2.^a-feira de Pascoela;
NOSSA SENHORA DA BONANÇA, em Fão — 1.^o Domingo de
Setembro;

SANTO ANTÓNIO, em Fão — 4.^o Domingo de Setembro;

NOSSA SENHORA DA AGONIA, em Viana — em Agosto;

S. BARTOLOMEU DO MAR — 24 de Agosto;

NOSSA SENHORA DA SAÚDE, em Esposende — 15 de Agosto;

NOSSA SENHORA DAS NECESSIDADES, em Barqueiros — 8 de

Setembro;

NOSSA SENHORA DA BARCA DO LAGO — 1.^o Domingo de
Agosto;

NOSSA SENHORA DA GUIA, na Praia da Apúlia — 1.^o Domingo
de Setembro.

LISBOA, 1941.



«Novos» e «velhos» em passeio

(Fig. 17)

IN MEMORIAM

E' tristemente doloroso ter de se fechar este magnífico trabalho de «O CAVADO» com sentidas palavras que nunca se calculara ter de proferir, ao iniciá-lo tão auspiciosa como dedicadamente!

O súbito falecimento de João Amândio, a alma carinhosa e desinteressada desta realização gráfica (que outra coisa não representa senão uma forma útil de propaganda de uma das mais importantes Localidades do Concelho) impediu que pudesse assistir à sua conclusão, bem como todos aqueles — pessoas e agremiações — que na sua efectivação tiveram parte concreta, de com Ele celebrar festivamente mais este excelente serviço prestado à bibliografia da especialidade e, ainda, à salutar e compreensiva propaganda do seu Concelho.

Que o exemplo único deixado, tão brilhante, tão desinteressadamente, por João Amândio da sua perfeita orientação de profissional e de apegado harrista sem par, na luta ardorosa e inteligente que sempre travou em prol de uma elevada e proveitosa política regionalista, que o seu exemplo magnífico e sem mácula suspeita, perdure e norteie admiravelmente todos os que às coisas do espirito e do progresso sensato e cauteloso do Concelho se dediquem confiadamente, cabendo tristemente ao GRUPO DOS AMIGOS DE FÃO o dever sentido de, com estas sinceras palavras e votos dolorosos, fechar a presente publicação, em duradoira, singela homenagem a quem tão bem soube cumprir o seu dever de profissional distinto, de cidadão irrepreensível e de amigo intemorato e lealíssimo, como hoje é raríssimo encontrar-se e que, por conseguinte, só há que lembrar incansavelmente.

O Grupo dos Amigos de Fão

ÍNDICE DO TEXTO

Palavras de Abertura	Pág. 5
Sua antiguidade e seus monumentos	" 7
Suas indústrias	" 17
Etnografia	" 21
Pesca no mar e no rio	" 29
Suas belezas	" 37
Calendário	" 43
In Memoriam	" 45

ÍNDICE DAS GRAVURAS

Capela do Senhor Bom-Jesus . . .	Pág. 9
Cavalos-de-Fão	> 11
Ruínas do «Facho»	> 16
Ponte sobre o Rio Gávado	> 18
Aparelhagem do fabrico de cordas	> 20
«Janeiras»	> 24
Trajos regionais.	> 25
Sargaceiros	> 26
Barco de pesca	> 29
Marcas dos pescadores	> 30
Marcas gravadas em uma porta . .	> 31
Capela de N. S. da Bonança. . . .	> 32
Redes e utensílios de pesca . . .	> 35
Praia-de-Fão	> 39
A «Barca-do-Lago»	> 41
Passeio ciclista	> 43



Acabou de imprimir-se
na Tipografia Cávado,
da Vila de Esposende,
aos 12 dias do mês
de Abril de 1949.







BMMB



34740027544

MONOGRAFIA DE FAO

Bibliof
Manuel